



SER UM HOMEM FEMININO, NÃO FERE O MEU LADO MASCULINO (?)

andrea musskopf*

Não faz muito tempo, mas fiz uma alteração no meu nome em alguns espaços menos oficiais. Aos quase 50 anos e considerando a minha trajetória, não sinto a necessidade e nem o desejo de ter um outro nome. Levei tempo demais para me acostumar com aquele que me foi dado. Ao mesmo tempo, várias questões que foram amadurecendo comigo nos últimos tempos me provocaram a pensar sobre quem sou nesse momento, como sou identificado por outras pessoas e espaços por onde transito e como quero me posicionar. O nome – e a alteração – é um desses marcadores com os quais tenho experimentado e explorado algumas possibilidades.



Foto: Sheila Marchi. Acervo pessoal do autor, 2024.

Uma das questões que marcam a minha trajetória é o fato de que muitas das minhas questões pessoais foram (e são) tratadas de forma pública. Aprendi com as feministas que o pessoal é político e sou da geração em que (pelo menos parte dela) entendia que era importante “sair do armário” e falar publicamente sobre quem nós

* Doutor em Teologia. Professor do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Líder do Grupo de Pesquisa indecências – Religião, Gênero e Sexualidade. E-mail: asmusskopf@hotmail.com



entendíamos que éramos como forma de reivindicar direitos e até garantir a própria sobrevivência (embora isso também significasse se expor a várias formas de violência). Identidade, visibilidade e representatividade eram (e ainda são) questões políticas fundamentais para muitas de nós. De alguma forma, eu escolhi e participei (nem sempre tão consciente ou voluntariamente) desses movimentos e, dessa forma, também abri espaço para que se falasse sobre questões que, para mim, poderiam ser muito íntimas e pessoais publicamente. A publicidade, em alguns momentos, me abriu oportunidades, mas, em outros, também me trouxe limitações e desafios.

Hoje talvez eu não sinta mais tanto essa necessidade e, às vezes, até preferisse ser menos “público” ou aberto em relação a algumas questões. Ainda assim, como eu convidei muitas pessoas para compartilhar as minhas vivências (e outras se convidaram mesmo contra a minha expressa vontade), me sinto responsável não em ser totalmente transparente com todas as pessoas (guardo isso para as mais próximas o máximo que consigo), mas de dividir determinadas questões como forma de seguir pensando – e agindo – coletivamente com quem me acompanha e deseja seguir me acompanhando. Faço isso com leveza e comprometimento e não busco adesão ou concordância em relação às escolhas que fiz e faço ou aos caminhos que tenho percorrido – consciente de que não é o único possível e nem, necessariamente, o melhor. É o que eu fiz e o que dou conta de fazer.

E assim retorno ao nome. Algumas pessoas mais atentas perceberam rapidamente a alteração que fiz (especialmente nas redes sociais e na assinatura de alguns e-mails). Algumas delas, por surpresa, por curiosidade, por respeito e preocupação – outras por desprazer mesmo – me perguntaram sobre a alteração: o que significava, quais os motivos, como deveriam se referir a mim, quais os pronomes usar... Para a maioria eu nem soube responder, justamente porque se tratava de um experimento, mas também porque eu não queria. A gente passa tanto tempo tendo que afirmar quem a gente “é” que, às vezes, a gente não tem tempo para pensar e explorar quem a gente poderia ser. E eu queria só experimentar. Sem explicar.

Ao mesmo tempo, não foi um gesto totalmente fortuito ou inconsequente. Motivado por algumas conversas e convivendo com algumas pessoas que se identificam como não-binárias, por exemplo, algo que me era um tanto incômodo passou a fazer algum sentido – logo a experimentação. Mas explicar, de alguma forma, seria contrário



ao próprio experimento e poderia significar uma nova identificação e um novo fechamento em uma categoria que, por mais fluída que se pretenda, pode não ser lida dessa forma porque a pressão pelo enquadramento ainda nos marca demasiadamente. Assim, esse texto também não é uma “explicação”, mas um relato de processos em curso e sem previsão de encerramento (em duplo sentido).

Para adicionar um “a” no final do nome que eu carrego como forma de identificação eu fiz algumas pesquisas (não muito aprofundadas, é verdade). Acho que o ponto de partida para essa alteração (e não outra, tipo passar a me chamar Shyrley ou Carla ou Pedro ou Petra, por exemplo) está relacionado com o fato de que em outros países e em outros idiomas a alteração do meu nome se dá de forma espontânea (especialmente quando não me perguntam como se pronuncia): Andrés, Andrei, Ândre e até um Andrêa já apareceram. Obviamente a questão maior geralmente é com o meu sobrenome e entre uma pronúncia “correta” (do nome e do sobrenome) e a continuidade da conversa para além dos sobre/nomes, eu geralmente prefiro a segunda. Há uma exceção: quando estão tentando me diminuir ou deslegitimar eu faço questão de “corrigir” a pronúncia do que seria o “correto” segundo as regras que eu mesmo possa criar a qualquer momento sem fidelidade a nenhum sistema linguístico. Se vai me esculachar, pelo menos tenha competência para usar as regras gramaticais que eu tão facilmente burlo surpreendendo a linguagem corrente.

De qualquer modo, o resultado da minha pesquisa (ou da minha busca) me ajudou a tomar a decisão sobre a forma da alteração do nome quando me deparei com algumas explicações que diziam que “Andrea” é um nome usado em diferentes contextos para homens OU para mulheres e, em outros, TANTO para homens QUANTO para mulheres (estou parafraseando as fontes). Ou seja, ainda que em alguns contextos “Andrea” possa ser lido como “feminino”, em outros como “masculino” ou, ainda, em outros como “masculino e/ou feminino”, a possibilidade de criar confusão e provocar (por um momento que seja) a dúvida e a reflexão sobre se o nome se refere a um “homem” ou a uma “mulher” e qual o pronome correto a utilizar, ou quem é a pessoa diante da qual se está me pareceram suficiente para aquilo que eu estava buscando. A experiência de pessoas conhecidas com nomes nem sempre comuns e que provocam essa dúvida e, não raras vezes, induzem ao “erro” da identificação de gênero (ou sexo?) dessas pessoas em relação a quem está em interlocução com elas justificaram pelo menos o



experimento. É isso. Eu quero que as pessoas fiquem em dúvida quando leem o meu nome – e, talvez, permaneçam nela.

Eu já fui identificado e tratado de várias formas e com vários nomes (ou rótulos); nem sempre agradáveis ou confortáveis. Com alguns me ofendi, com alguns me acostumei e com outros me diverti. Veado/viado, por exemplo, já considerei ofensivo, mas passei a reivindicar como forma de desestabilizar o seu caráter violento e de reafirmação das estruturas de poder. Sim, sou viado, e daí?! Homossexual eu nunca gostei, mas posso acionar em alguns contextos para fissurar o discurso médico (e patologizante) que ele carrega com si desde suas origens. Certa vez comentaram comigo com algum receio que num determinado espaço haviam se referido a mim como transexual. Acharam que eu poderia considerar ofensivo ou, pelo menos, equivocado. Mas entendendo quem estava fazendo referência a mim e o que estavam tentando dizer não achei nem ofensivo, nem equivocado. Inclusive porque aprendi e aprendo muito com pessoas trans. “Homem” talvez seja o termo/rótulo menos utilizado para se referir a mim e, provavelmente por isso, eu diversas vezes o reivindiquei. *Not anymore.*

Desde muito cedo na minha experiência de vida e na minha trajetória acadêmica estava muito evidente de que eu não era “um homem de verdade”. Isso aparece nos meus primeiros escritos sobre teologia gay e em outros sobre masculinidade que num determinado momento julguei necessários para reivindicar a legitimidade de uma “masculinidade gay” (veja as referências no final). Ainda acho que há validade nesse exercício como forma de desestabilizar o que comumente se chama de “masculinidade hegemônica”. Dizer que um “homem gay” também é um “homem”, ainda pode fazer o sistema dos “homens homens” tremer e isso pode ser uma estratégia importante. Em muitos sentidos a minha própria sobrevivência e (relativo) sucesso nos espaços por onde transitei se deve ao fato de eu ter conseguido performar uma certa “masculinidade” que, apesar de não deixar de causar estranheza, garantia uma certa estabilidade às relações sem aguçá-lo o pânico de uma quebra total de decoro e protocolos. A passabilidade faz isso.

Assim eu aprendi a brigar (literalmente, inclusive de forma física) e impor a minha presença, me tornei relativamente bom em muitos esportes (especialmente aqueles considerados mais “masculinos”), descobri os caminhos da fofoca como estratégia de compartilhamento de informações privilegiadas entre homens para manutenção das

relações e posições de poder estabelecidas (também conhecido como “homosolidariedade”). Sim. É fofoca mesmo. Da braba. Mas com um verniz de suposta neutralidade em nome de um “bem maior” que seria superior aos mexericos de mulheres, viados e pessoas menos “esclarecidas”. Em algumas situações quase me tornei um homem que é “tão homem” que “aguenta”, inclusive, o sexo com outro homem – como Rita Lee: “mais macho que muito homem”¹. Mas, apesar de algumas vitórias parciais e sucessos passageiros (facilitados pelo fato de eu ser branco), eu nunca fui realmente aceito no “clube dos homens de verdade”. De fato, para as estruturas do poder cisheteropatriarcal, eu nunca fui um “homem” – e continuo não sendo. Graças a d*s!

Talvez porque eu tenha percebido isso bastante cedo eu não me lembro de ter tido problema em ser tratado na forma gramatical definida como feminina. Especialmente no contexto de amizades e companheirismo ativista, o fato de ser tratado de “ela”, “amiga” e até “mulher!” sempre me pareceu subversivo e, até, motivo de orgulho. Se havia um lugar onde eu queria estar era ao lado “delas”, as loucas, as putas e as vadias/viadas. Se eu pudesse simplesmente escolher poderia dizer que não sou um homem – porque essa palavra ou essa categoria diz muito pouco sobre mim e os pressupostos que vêm atrelados a ela, de modo geral, não refletem quem eu sou ou quem eu quero ser. Mas eu não tenho controle sobre como as pessoas me veem e como elas interagem comigo a partir de como me percebem. Há privilégios (e eu os tenho) que advêm do fato de eu ser identificado (e em muitas situações me identificar) dessa forma. Junte isso com o fato de eu ser uma pessoa branca e se torna muito fácil perceber como tal situação privilegiada muitas vezes se dá pela minha simples presença e pela minha “aparência”.

Além da (ilusória) reivindicação de espaço e participação (ainda que com o objetivo de subverter) como homem, na minha trajetória recente me pareceu importante marcar (ainda que seja evidente) o fato de ser branco e, ainda mais recentemente, a designação cisgênero. A branquitude reconhecida e associada a um “homem gay” tem um certo poder desestabilizador – embora as críticas a uma determinada homonormatividade (marcada pela classe e pela origem étnico-racial) já sejam suficientes para relativizar a capacidade desse impacto por sua assimilação

¹ **Pagu** lyrics © Warner Chappell Music, Inc. Songwriters: Rita Lee Jones Carvalho / Zelia Cristina Gonçalves Moreira. Interpretação: Rita Lee.

(especialmente se você for “discreto”). A cisgeneridade, como resposta aos questionamentos do transfeminismo, é uma das expressões dessa “discrição” que, mais do que perturbar, reconhece um lugar de privilégio em contextos transfóbicos e a sua situacionalidade, abrindo a pergunta – e a reflexão – sobre aquilo que a constitui e para aquilo que está para além dela.

Não há muitas dúvidas (minhas ou de outras pessoas) em relação a mim sobre a questão da branquitude e da minha origem e identificação étnico-racial, ainda que ela precise ser percebida, interrogada² e desafiada. Já com relação à cisgeneridade tenho feito o exercício de investigação (especialmente com pessoas trans e não-binárias) sobre como sou “lido”. As respostas têm sido muito diversas, desde a afirmação categórica da percepção de uma cisgeneridade (quase) normativa, passando por identificações mais fluídas até a possibilidade de que tal categoria possa não se aplicar a mim. Assim, foi unindo essas dúvidas, percepções e diálogos que, dando continuidade a um processo autorreflexivo entendi que a alteração no nome (e outras sobre as quais não tratarei aqui) era digna de ser experimentada. E, como dito, é nisso que estamos.

Mas, sim, pretendo me afastar da ideia de masculinidade. Para mim, não há nada de bom nela que possa transformar ou ser transformado. Reafirmar a masculinidade como algo que, de fato, existe ou é significa reafirmar o próprio sistema de significados e poder que a constitui como algo existível e a partir do qual se estabelecem as relações (desiguais) de poder. Masculinidade é um outro nome para o cisheteropatriarcado. Não há feminilidade sem masculinidade e seu fim faz desabar a metafísica da diferença³ que sustenta o sistema. A manutenção da masculinidade (ainda que reinventada ou pluralizada) é uma forma de continuar angariando privilégios, inclusive para aqueles que não são considerados “tão homens assim” (aliás, a maioria de nós) e, muitas vezes, ao reafirmar a sua masculinidade, receber algumas migalhas de um sistema hierárquico, violento e injusto que continuará distribuindo os bens sociais de maneira desigual. Ainda que eu me identifique ou me identifiquem como homem (e até como cisgênero) não quero reproduzir e não quero que atribuam a mim nenhum papel, lugar social ou característica que possa ser associada com esse termo – e trabalharei fortemente para que isso não

² TOWNES, Emilie. Esquecimento proposital: coloração não-interrogada como lacuna moral. *Mandrágora*, São Paulo, v. 16, n. 16, p. 13-17, 2010.

³ GEBARA, Ivone. *A mobilidade da senzala feminina*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 66.



seja possível, nem faça sentido. Renuncio a qualquer rasgo ou pretensão de masculinidade.

A esta altura do experimento ainda não tenho respostas definitivas – e não sei se as terei ou se as quero. Não há um jeito “correto” de se referir a mim. André ou andrea está bem. Ele, ela, elu, também. *He, she, they*. Caso me sinta incomodado eu avisarei, especialmente porque essas possibilidades não necessariamente estão abertas a todas as pessoas e em todos os espaços. Eu reivindico o poder de me nomear em cada momento e situação – contra todas as evidências. Não sei se vou adotar a alteração de forma oficial em documentos de registro e procedimentos formais (especialmente porque dá muito trabalho e pode me criar uma série de problemas e inconvenientes). Seguirei usando “homem”, “homossexual”, “gay”, “cisgênero” sempre que entender que o seu uso possa perturbar determinadas ordens, causar desconforto e exigir acomodação de interlocutores e sistemas. Aos quase 50 anos, eu reivindico o direito de ser o que eu quiser⁴ – por sobrevivência, por conveniência, por convicção ou simplesmente por diversão. E com isso, procuro ser o mais in/coerente possível, também, com a minha trajetória acadêmica e intelectual.

Juiz de Fora, 10 de setembro de 2024.

Epílogo

O título desse relato faz referência à música de Pepeu Gomes (*Masculino e feminino*)⁵. Ela foi lida como sinal de mudanças, por exemplo, por Ivone Gebara⁶. Eu mesmo analisei a mesma música e apontei para suas perspectivas libertadoras em sua forma de “imaginar” Deus (menino e menina), mas também apontando suas limitações. Continuo entendendo que a possibilidade de “imaginar Deus” das mais diversas formas é um exercício importante e transgressor para a teologia. Mas também continuo com o incômodo do dualismo masculino/feminino – menino/menina. A referência a essa música no título (com uma interrogação entre parênteses) busca expressar não apenas esse incômodo, mas também a ambiguidade do que sugere. Por um lado, a afirmação de que “ser um homem feminino não fere o meu lado masculino”, ainda que aponte para diferentes formas de “masculino” ou “masculinidades” possíveis (e até necessárias), evidencia que a fórmula preserva essas próprias ideias e mantém o sistema estável o suficiente para ser aceito dentro dos padrões hegemônicos e normativos. Masculino continua masculino e feminino continua feminino, mesmo que se misturem um pouco ou às vezes. Por

⁴ CARDOSO, Nancy. A guerra silenciosa – de como @s Latino-american@s podem ser o que quiser. *Concilium*, Brasil, v. 1, p. 52-66, 2008.

⁵ **Masculino e feminino**. Lyrics © Warner Chappell Music, Inc. Songwriters: Bernadeth Cidade / Claudimar Oliveira Gomes / Pedro Anibal De Oliveira Gomes.

⁶ O texto “Se Deus é menina e menino / Sou masculino e feminino” aparece como epígrafe no livro e é mencionado em GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 9.

outro lado, a pergunta se “ser um homem feminino não fere o meu lado masculino?”, evidencia exatamente o que pretendi problematizar: para fazer algum sentido, a incorporação do “feminino” no “masculino” precisa causar “ferimentos”, isto é, rupturas. Ou como se diz em outra música:

Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem **não sem dores**
Aceita que tudo deve mudar⁷

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Nancy. A guerra silenciosa - de como @s Latino-american@s podem ser o que quiser. *Concilium*, Brasil, v. 1, p. 52-66, 2008.

GEBARA, Ivone. *A mobilidade da senzala feminina*. São Paulo: Paulinas, 2000.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

TOWNES, Emilie. Esquecimento proposital: coloração não-interrogada como lacuna moral. *Mandrágora*, São Paulo, v. 16, n. 16, p. 13-17, 2010.

Textos publicados e comentários sobre temas tratados

Livros e capítulos

- MUSSKOPF, André S. *Uma brecha no armário* – Propostas para uma teologia gay. 3. ed. São Leopoldo, São Paulo: CEBI, Fonte, 2015.

Nesse trabalho/livro entrevistei três homens gays e falo da homossexualidade como uma traição à masculinidade. O livro tem uma edição pela Editora Sinodal, uma pelo CEBI e a terceira referenciada acima.

- MUSSKOPF, André S. *Talar rosa* – Homossexuais e o ministério na Igreja. São Leopoldo: CEBI, 2005.

Nesse trabalho/livro a questão da masculinidade também vai aparecer na discussão sobre a experiência de homens gays e suas histórias de vida, bem como nas proposições teológicas.

- MUSSKOPF, André S. Além do arco-íris – Corpo e corporeidade a partir de 1 Co 12.12-27 com acercamentos do ponto de vista da Teologia Gay. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (org.). *À flor da pele* – Ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo, CEBI, Sinodal, 2004. p. 139-168.

O artigo retoma questões de um trabalho anterior e de *Uma brecha no armário* e está publicado na parte temática sobre homens/masculinidades.

⁷ **Triste, Louca ou Má** lyrics © Tratore. Songwriters: Andrei Martinez Kozyreff / Juliana Strassacapa / Mateo Piracés-Ugarte / Rafael Gomes / Sebastián Piracés-Ugarte. Interpretação: Francisco, el Hombre.



- MUSSKOPF, André S. Identidade masculina e corporeidade: uma abordagem *queer*. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (org.). *Corporeidade, etnia e masculinidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

A proposta do texto é pensar a questão das “masculinidades” numa perspectiva *queer*, buscando ampliar e complexificar a discussão sobre o tema.

- MUSSKOPF, André S. Se Deus é homem o homem é Deus?”. In: WEILER, Lucia; PINTO, Raquel Pena; PIRES, Sandra Maria (org.). *Teologia feminista – Tecendo fios de ternura e resistência*. Porto Alegre: ESTEF, 2008. p. 96-104.

O texto reflete sobre a questão das imagens de Deus e propõe uma discussão a partir de representações em músicas religiosas e populares, preparando em atenção ao convite para assessorar o IX Encontro Estadual de Teologia Feminista do Rio Grande do Sul.

- MUSSKOPF, André S. Deus-graçado num mundo em transformação. In: CARDOSO, Nancy; EGGERT, Edla; MUSSKOPF, André S. (org.). *A graça do mundo transforma deus*. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 2006. p. 42-52.

O texto discute as representações (masculinas) de Deus em músicas brasileiras e relaciona com a questão da graça em relação ao tema da IX Assembleia do CMI.

- MUSSKOPF, André S. A Gap in the Closet: Gay Theology in Latin American Context. In: KRONDORFER, Björn (ed.). *Men and masculinities in Christianity and Judaism*. London: SCM, 2009. p. 460-471.

O texto apresenta e reflete sobre o lugar de *Uma brecha no armário* no contexto da Teologia da Libertação na América Latina.

- MUSSKOPF, André S. Latin America – religion, gender, masculinities and sexual diversity. In: STARKEY, Caroline; TOMALIN, Emma (ed.). *The Routledge Handbook of Religion, Gender and Society*. London: Routledge, 2022. p. 457-469.

O capítulo faz uma revisão histórica sobre os estudos de gênero e religião na América Latina, incluindo uma avaliação dos estudos sobre masculinidade apontando para as limitações e fragilidades do campo.

Artigos em revistas

- MUSSKOPF, André S.; GONZÁLEZ-HERNÁNDEZ, Yoimel. Homens e ratos! Desconstruindo o modelo hegemônico de masculinidade e visibilizando modelos alternativos, construídos nos corpos de homens gays em Gênesis 38. *Estudos Bíblicos*, n. 86, Petrópolis: Editora Vozes, 2005/2. p. 57-65.

O artigo faz uma análise da narrativa bíblica de Gênesis 38 contrapondo masculinidade hegemônica e modelos alternativos.

- MUSSKOPF, André S. O filho pródigo e os homens gays – Uma releitura de Lucas 15.11-32 na perspectiva das teorias de gênero e sexualidade. *Ribla*, n. 56, Petrópolis: Vozes, 2007/1 p. 141-157.

O artigo é uma provocação dentro do tema das masculinidades re-imaginando as personagens (homens) da parábola do Filho Pródigo em diálogo com a experiência de homens gays a partir da narrativa de um personagem fictício (mas nem tanto). O texto foi publicado recentemente como MUSSKOPF, André S. *'Que comece a festa'* - O filho pródigo e os homens gays. 2. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023. v. 1000. 76p.



- MUSSKOPF, André S. Haverá “gênero” e “religião”? ou Enquanto houver burguesia não vai haver poesia. *Revista Relegens Thréskeia*, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 10-25, dez. 2013.

O artigo problematiza a noção de “gênero” discutindo como suas “invenções” e determinações precisam ser superadas.

- MUSSKOPF, André Sidnei. Deus é Brasileiro! Mas que brasileiro? *Mandrágora*. São Paulo: Metodista, vol.15, n.15, p. 26-34, 2009.

O artigo retoma a análise das imagens de Deus a partir de músicas populares nas quais Deus é representado como homem e inclui uma discussão sobre representações no cinema, problematizando as imagens masculinas de Deus.

- MUSSKOPF, André S. Interrogando a branquitude: experiências formadoras em raça, etnia, religião e sexualidade de um garoto branco, cristão e gay. *Momento – Diálogos Em Educação*, vol. 28, n. 1, p. 208-229, 2019.

Trata-se de um exercício autobiográfico em que reflito sobre as interseções entre gênero, sexualidade, religião e raça/etnia, questionando a forma como a branquitude me constitui.

- MUSSKOPF, André S. Somos todos abusadores – Homens, gênero e abuso. *Revista Senso*, 18 abr. 2023.

O breve artigo quer provocar a reflexão sobre os impactos da “masculinidade” como parte de um sistema violento e injusto que independe (até certo ponto) de ações individuais de homens “com boas intenções”.

Recebido em: 10 set. 2024.

Aceito em: 17 set. 2024.